LIÇÃO 3 - A Mesma Ciência Considera a Unidade e a Pluralidade e Todos os Opostos. O Método de Tratar Destes

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 2: 1004a 9-1004a 34

> *306. Ora, visto que é ofício de uma única ciência estudar os opostos, e a pluralidade é o oposto da unidade, é também ofício de uma única ciência estudar a negação e a privação, porque em ambos os casos estamos estudando a unidade da qual há negação ou privação. E isto (negação ou privação) é o que é dito ou absolutamente porque um atributo não está presente numa coisa, ou (não absolutamente) porque não está presente em alguma classe determinada. Portanto, esta diferença está presente na unidade além do que está implícito na negação; pois a negação é a ausência da coisa em questão. Mas, no caso da privação, há um sujeito subjacente do qual a privação é predicada.*
>
> *307. Mas a pluralidade é o oposto da unidade. Portanto, os opostos dos conceitos acima mencionados, alteridade, dissemelhança e desigualdade, e quaisquer outros que se refiram à pluralidade ou à unidade, devem estar dentro do escopo da ciência mencionada acima. E a contrariedade é um deles; pois a contrariedade é um tipo de diferença, e a diferença é um tipo de alteridade.*
>
> *308. Portanto, visto que o termo "um" é usado em muitos sentidos, os termos que designam os opostos mencionados também serão usados em muitos sentidos. No entanto, é tarefa de uma só ciência conhecê-los todos. Pois, mesmo que algum termo seja usado em muitos sentidos, nem por isso se segue que pertença a outra ciência. Portanto, se os termos não são usados com um único significado, e seus conceitos não se referem a uma coisa, então é ofício de uma*

> *ciência diferente estudá-los. Mas, visto que todas as coisas são referidas a algo primário, assim como todas as coisas que são "um" são referidas a um "um" primário, o mesmo deve valer para a identidade, a alteridade e os contrários. É necessário, então, distinguir todos os sentidos em que cada termo é usado e, em seguida, referi-los de volta ao significado primário em cada um dos predicados em questão para ver como cada um se relaciona com ele. Pois uma coisa recebe um predicado particular porque o possui; outra, porque o produz; e outras, de outras maneiras.*
>
> *309. Portanto, é evidente, como foi dito em nossos problemas, que é ofício de uma única ciência dar conta desses predicados, bem como da substância; e este era um dos problemas (181:C 346; 202:C 393).*

COMENTÁRIO

Ela também considera "um-muitos", "negação-privação" etc.

564. Aqui ele mostra que é ofício desta ciência considerar os opostos; e, quanto a isso, faz duas coisas. Primeiro, mostra que é ofício desta ciência considerar a privação e a negação; e segundo (567), considerar os contrários ("Mas a pluralidade").

Ele diz, então, (306) que, visto que pertence a uma única ciência considerar os opostos (por exemplo, pertence à medicina considerar a saúde e a doença, e à gramática, a concordância e a discordância), e visto que a *pluralidade* é o oposto da unidade, o estudo da privação e da negação deve pertencer àquela ciência que trata da unidade e da pluralidade. Pois a consideração "de ambos" envolve a unidade; isto é, o estudo da unidade, cujo conceito implica negação e privação, depende de ambos. Pois, como foi dito acima (553), o que é um é um ser indiviso, e a divisão se relaciona com a pluralidade, que é o oposto da unidade. Portanto, o estudo da negação e da privação pertence àquela ciência cuja tarefa é considerar a unidade.

565. Ora, há dois tipos de negação: (1) a negação simples, pela qual se diz absolutamente que uma coisa não está presente em outra, e (2) a negação num gênero, pela qual algo é negado de outra coisa, não absolutamente, mas dentro dos limites de algum gênero determinado. Por exemplo, nem tudo o que não tem visão é dito absolutamente ser cego, mas algo dentro do gênero de um animal que é naturalmente apto a ter visão.

E esta diferença está presente na unidade além "do que está implícito na negação"; isto é, é algo pelo qual ela difere da negação, porque a negação expressa apenas a ausência de algo, ou seja, aquilo que ela remove, sem indicar um sujeito determinado. (1) Portanto, a negação simples pode ser verificada tanto de um não-ser, que não é naturalmente apto a ter algo afirmado dele, quanto de um ser que é naturalmente apto a ter algo afirmado dele e não tem. Pois "não vidente" pode ser predicado tanto de uma quimera quanto de uma pedra e de um homem. (2) Mas, no caso da privação, há uma natureza ou substância determinada da qual a privação é predicada; pois nem tudo o que não tem visão pode ser dito cego, mas apenas aquilo que é naturalmente apto a ter visão. Assim, visto que a negação que está incluída no conceito de unidade é uma negação num

sujeito (caso contrário, um não-ser poderia ser chamado de um), é evidente que a unidade difere da negação simples e se assemelha antes à natureza da privação, como é dito abaixo no Livro X (2069) desta obra.

566. Mas deve-se notar que, embora a unidade inclua uma privação implícita, não se deve dizer que ela inclui () a privação da pluralidade; pois, como uma privação é posterior na natureza à coisa da qual é privação, seguir-se-ia que a unidade seria posterior na natureza à pluralidade. E seguir-se-ia também que a pluralidade seria dada na definição de unidade; pois uma privação só pode ser definida pelo seu oposto. Por exemplo, se alguém perguntasse o que é a cegueira, responderíamos que é a privação da visão. Portanto, visto que a unidade é dada na definição de pluralidade (pois pluralidade é um agregado de unidades), seguir-se-ia que haveria circularidade nas definições. (+) Portanto, deve-se dizer que a unidade inclui a privação da divisão, embora não () o tipo de divisão que pertence à quantidade; pois este tipo de divisão é limitado a uma classe particular de ser e não pode ser incluído na definição de unidade. (+) Mas a unidade que é intercambiável com o ser implica a privação da divisão formal, que ocorre através dos opostos, e cuja raiz primária é a oposição entre afirmação e negação. Pois aquelas coisas são divididas umas das outras que são de tal tipo que uma não é a outra. Portanto, o próprio ser é entendido primeiro, depois o não-ser, depois a divisão, depois o tipo de unidade que é a privação da divisão, e depois a pluralidade, cujo conceito inclui a noção de divisão assim como o conceito de unidade inclui a noção de indivisão. No entanto, algumas das coisas que foram distinguidas da maneira anterior podem ser ditas incluir a noção de pluralidade somente se a noção de unidade for primeiro atribuída a cada uma das coisas distinguidas.

567. **Mas a pluralidade** (307).

Aqui ele mostra que é próprio do filósofo considerar os contrários, ou opostos; pois a pluralidade é o oposto da unidade, como foi dito (564), e é ofício de uma mesma ciência considerar os opostos. Logo, como esta ciência considera a unidade, a identidade, a semelhança e a igualdade, deve também considerar seus opostos, a pluralidade, a alteridade ou diversidade, a dessemelhança e a desigualdade, e todos os outros atributos que se reduzem a estes ou mesmo à unidade e à pluralidade. E a contrariedade é um deles; pois a contrariedade é um tipo de diferença, a saber, de coisas que diferem no mesmo gênero. Mas a diferença é um tipo de alteridade ou diversidade, como é dito no Livro X (2017). Portanto, a contrariedade pertence à consideração desta ciência.

568. **Logo, uma vez que** (308).

Em seguida, ele trata do método pelo qual o filósofo deve estabelecer essas coisas. Diz que, uma vez que todos os opostos mencionados derivam da unidade, e o termo uno é usado em muitos sentidos, todos os termos que designam esses opostos também devem ser usados em muitos sentidos, ou seja, mesmo, outro, e assim por diante. No entanto, mesmo que todos esses sejam usados em muitos sentidos, ainda é trabalho de uma única ciência, a filosofia, conhecer as coisas significadas por cada um desses termos. Pois se algum termo é usado em muitos sentidos, não se segue daí que pertença a outra ou a uma ciência diferente. Pois se as diferentes coisas significadas não são referidas "com um único significado", ou segundo um único conceito, i.e., univocamente, ou não são referidas a uma coisa de maneiras diferentes, como no caso das coisas análogas, então segue-se que é ofício de outra, i.e., de uma ciência diferente, considerá-las; ou pelo menos é ofício

de uma ciência acidentalmente, assim como a astronomia considera uma estrela no céu, i.e., a estrela canina, e a ciência natural considera um cação e um cão. Mas todas essas são referidas a um único ponto de partida. Pois as coisas significadas pelo termo uno, embora diversas, são referidas de volta a uma coisa primária significada como una; e devemos falar da mesma maneira sobre os termos mesmo, outro, contrário e outros deste tipo.

Quanto a cada um desses termos, então, o filósofo deve fazer duas coisas. (1) Primeiro, deve distinguir os muitos sentidos em que cada um pode ser usado; e (2) segundo, deve determinar quanto a "cada um dos predicados", i.e., cada um dos nomes predicados de muitas coisas, a que coisa primária ele é referido. Por exemplo, deve declarar qual é a primeira coisa significada pelo termo mesmo ou outro, e como todos os demais se referem a ela; um por possuí-la, outro por produzi-la, ou de outras maneiras deste tipo.

569. **Portanto, é evidente** (309).

Ele tira sua conclusão do que foi dito, a saber, que pertence a esta ciência raciocinar sobre esses predicados comuns e sobre a substância; e este era um dos problemas investigados nas questões tratadas dialeticamente no Livro III (393).

Revision #4
Created 7 September 2026 23:35:04 by Admin
Updated 13 September 2026 16:31:06 by Admin